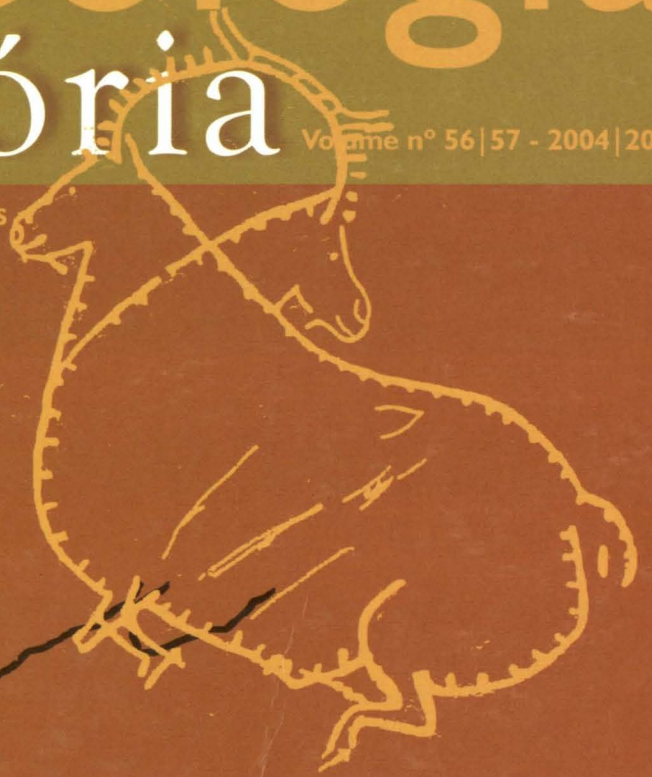


Arqueologia & História

Volume nº 56|57 - 2004|2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



A hierogamia do Penedo do Matrimónio

Mário Varela
Gomes

Membro da Academia Portuguesa da História e Academia Nacional de Belas - Artes. Docente do Departamento de História da F.C.S.H., da Universidade Nova de Lisboa Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa.

(Montalegre, Vila Real)



I. Canibalizar ou não?

Foi recentemente estudado importante conjunto de gravuras rupestres, já anteriormente dado a conhecer por distintos autores, existente no denominado Penedo do Matrimónio (Fontes, 1990; 1991a; 1991b; 1992; Colmenero, 1991; Bettencourt, Sanches, Dinis e Cruz, 2004).

O afloramento granítico, oferecendo microtopónimo tão sugestivo e identificado em 1970, localiza-se no Campo de Caparinho¹, zona pertencente à freguesia de São Miguel de Vilar de Perdizes. Esta integra o concelho de Montalegre e o distrito de Vila Real (Trás-os-Montes).

Aquele local situa-se nas proximidades da fronteira com Espanha e a ocidente do rio Assoreira, afluente do Tâmega.

O trabalho supracitado apresenta levantamento cuidado e excelente descrição dos petróglifos, dispensando-nos de proceder a outra, permitindo-nos apenas completar certos aspectos e sobre eles tecer considerações julgadas pertinentes. Estas não devem ser tomadas como críticas negativas mas, antes bem pelo contrário, como contributos para diálogo, intelectualmente estimulante, que tão significativos testemunhos arqueológicos tornam possível.

¹ Este topónimo pode derivar do nome latino da planta conhecida por alcaparra (*Capparis spinosa* L.), mas também do cognome latino *Caprarius*, talvez devido ao militar *C. Caecilius Metellus Caprarius*, que participou na tomada de Numância (133 a. C.), foi cônsul em 113 a. C. e, ulteriormente, em Roma, cunhou moeda, ou, simplesmente de *capra*, quadrúpede selvagem ou domesticado, bem conhecido na região e que, sendo conotado com a fertilidade, foi durante a Proto-História utilizado como animal sacrificial.

Infelizmente a prática salutar do comentário científico em revistas na área da Arqueologia circunscreve-se, entre nós e tanto quanto é do meu conhecimento, ao “*Arqueólogo Português*”, seguindo o profícuo modelo de diversas publicações periódicas norte-americanas dedicadas às ciências sociais, como a muito divulgada “*Current Anthropology*”, da responsabilidade da *The University of Chicago Press* e em boa hora subsidiada pela *Werner-Gren Foundation for Anthropological Research*.

Importa ainda reafirmar que, no domínio da arte pré e proto-histórica, os levantamentos fiáveis e as descrições pormenorizadas servem não só aos seus autores na construção de modelos interpretativos das sociedades humanas que, afinal, estudam, como a todos quantos pretendem, ulteriormente, debruçarem-se sobre tais testemunhos. Todavia, não podemos esquecer que constitui, desde logo, contributo muito significativo a divulgação de registos precisos, mesmo quando discordamos das considerações que por vezes sobre eles se desenvolvem. Aliás, as interpretações, ou os modelos histórico-arqueológicos, reflectem tanto a ideologia dos seus autores como, não raro, seguem as correntes das modas, provocadas por conjunturas sociopolíticas e culturais.

Não esqueçamos, portanto, que embora o canibalismo possa ser pensado como transgressão e aberração que ultrapassa os limites dos comportamentos humanos admitidos pela grande maioria das sociedades actuais, ele também pode ser entendido como tentativa de apropriação de identidades ou de virtudes (Arens, 1979; Sahlins, 1983).

2. Os testemunhos

A iconografia detectada no Penedo do Matrimónio é essencialmente constituída por duas representações antropomórficas e por quatro figuras de punhais.

Aquelas imagens foram gravadas na superfície granítica que lhes serve de suporte, medindo cerca de 1,50 m de altura e 0,75 m de largura, através da percussão indirecta, executada, muito possivelmente, com artefactos metálicos, enformando linhas, mais ou menos profundas e largas, em geral contínuas. O grau de erosão ou desgaste, provocado pela prolongada exposição à acção dos agentes meteóricos, é acentuado.

Os dois antropomorfos encontram-se alinhados, quase no sentido norte-sul, ocupando, sensivelmente, o centro do espaço operativo, de superfície rochosa sub-

horizontal e de contorno trapezoidal, pertencente a extenso afloramento.

As figuras mencionadas apresentam-se nuas, com os braços erguidos, acima da cabeça, em forma de V e as mãos, bem abertas, deixam reconhecer os cinco dedos. Os pés, descalços e como que rebatidos para os lados, mostram os dedos separados.

Observa-se claro dimorfismo sexual, dado que o corpo do personagem masculino, figurado na parte superior da composição, é maior, medindo 0,49 m de altura, mais estreito e evidencia o sexo, enquanto a imagem feminina apresenta 0,38 m de altura, possui corpo alargado, onde se reconhecem os seios, figurados por círculo e covinha, exibindo também, muito claramente, o sexo. R. Colmenero (1991, p. 147) colocou a hipótese, não despicienda, de tratar-se de figuração de mulher grávida, dada a volumetria do ventre, a que devemos adicionar a da vulva.

Ao lado dos pés das imagens acima referidas observam-se círculos ou covinhas, associados a formas triangulares alongadas, duas delas com linha mesial, representando punhais desembainhados, conforme foi, aliás, interpretado (Colmenero, 1991, p. 147; Betten-court, Sanches, Dinis e Cruz, 2004, p. 65).

Aquelas armas foram figuradas com a extremidade dos cabos junto aos pés dos antropomorfos e encontram-se como que pousadas no solo, transversalmente alinhadas com eles.

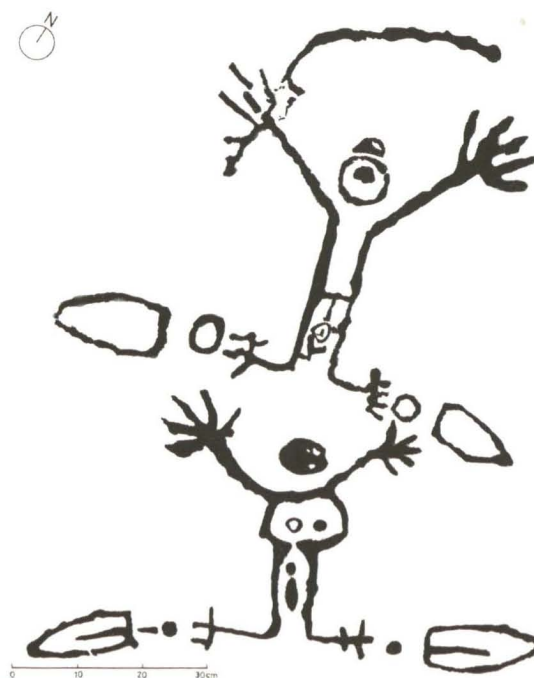


Figura 1 - Gravuras rupestres do Penedo do Matrimónio (seg. A. Fernandes, 2004, parcialmente alterado).

Acima do antropomorfo masculino, e quase ligando-se à sua mão direita, foi gravada linha arqueada, terminando em covinha, mas que ocupa zona da rocha fissurada, pelo que a sua autenticidade e interpretação podem levantar algumas dúvidas. Para R. Colmenero (1991, p. 147) seria vara ou látigo. Todavia, é possível que represente outra arma, talvez funda, dado que a figuração de lâmina encurvada ou afalcatada de espada, seria mais realista como acontece com os punhais associados a ambos antropomorfos. Ainda sobre a cabeça daquele mesmo personagem reconhece-se gravação semicircular que pode querer figurar capacete, talvez metálico, conforme também foi interpretado por R. Colmenero (1991, p. 147). Este elemento do equipamento bélico encontra-se representado em estelas da Idade do Bronze Final do Sudoeste Peninsular e em algumas estátuas de guerreiros galaicos, do Noroeste Peninsular.

A cabeça do antropomorfo masculino mostra zona gravada ao centro e a do feminino foi totalmente escavada, não exibindo, nenhum dos dois, olhos, nariz, boca ou orelhas.

As características das gravuras, tais como as alterações técnicas que apresentam, os graus de erosão e as dimensões, encontram-se minuciosamente descritas no trabalho acima citado (Bettencourt, Sanches, Dinis e Cruz, 2004).

3. Que antropomorfos são estes ?

O tipo de registo em apreço, cujas características estilísticas fogem às da grande maioria das figurações rupestres antropomórficas conhecidas, tem, não raro, sido atribuído ao “tontinho da aldeia”, pensando-se, portanto, pertencer a períodos históricos e até a produções recentes, não se lhe conferindo importância documental.

Exemplifica aquela atitude a dificuldade de alguns estudiosos em admitir cronologia, pré-histórica ou proto-histórica, para imagens afins, como as existentes na Laxe dos Homes (Santa María de Cequeril, Cuntis), na Galiza, cuja antiguidade tem sido posta em causa (García Alén e Peña Santos, 1980, p. 61).

Felizmente não ocorreu tal desígnio com os elementos iconográficos objecto do presente texto, dado que todos os autores que a eles se referiram os classificaram como pré-romanos e tendo-se, até, precisado a sua datação no Calcolítico Final (Bettencourt, Sanches, Dinis e Cruz, 2004, p. 70) e na Idade do

Bronze Inicial ou Média (Colmenero, 1991, p. 147), atribuições que consideramos injustificadas e que tentaremos rever.

As representações do Penedo do Matrimónio, apesar do seu estilo pouco comum, constituem testemunhos muito impressionantes e raros, dado, por um lado, possuírem dimensões apreciáveis e dimorfismo sexual claro, como, por outro lado, exibirem grandes mãos, muitos abertas, os pés e o sexo encontrarem-se bem patentes, a par das reproduções de armas, escassas na arte rupestre do Norte de Portugal e pouco comuns na Galiza. Também o facto das imagens referidas constituírem uma composição, ou cena, potencia, segundo cremos, o seu interesse histórico-arqueológico. R. Colmenero (1991, p. 147) reconheceu este aspecto e relacionou-o com possível culto da fecundidade e com a guerra.

Em nosso entender podemos, desde logo, considerar que os dois corpos figurados constituem como que suportes das extremidades dos membros, das mãos e dos pés, exageradamente grandes, como dos sexos, também bem evidentes, perante a quase nula importância conferida às cabeças, onde não foram marcados quaisquer pormenores anatómicos. Transparece, pois, que não se desejou representar rasgos fisionómicos, fulanizáveis, mas entidades reconhecíveis devido aos seus atributos específicos.

Lembramos que a nudez total foi, na Antiguidade, apanágio de heróis e de divindades, encontrando-se, em geral, excluída entre os simples mortais. Ela deve conotar-se com a pureza, a transe e a tentativa de alcançar estados primordiais, mas também com a sexualidade e a fecundidade.

A desproporção dimensional dos sexos, dos pés e, em especial, das mãos, em ambas figuras, acentua, em nosso entender, a sua dimensão sagrada.

Os braços erguem-se ao alto, com os dedos das mãos bem afastados, na denominada “posição do orante”, interpretada como representando aspectos da vertente sócio-religiosa, nomeadamente a tentativa de entrar em contacto com o mundo transcendente ou espiritual, como ainda recebendo as forças astrais ou cósmicas. Os braços elevados e as mãos abertas, em direcção à abóbada celeste, encontram-se entre os gestos rituais mais divulgados pelas sociedades humanas de todas as épocas e latitudes, dada a reconhecida importância que aquele elemento teve, desde tempos remotos, na experiência religiosa.

Os pés são, também, desproporcionados, extremamente longos e os dedos, bem individualizados,

sublinham tanto a sua forte ligação ao solo e à terra como, muito possivelmente, ao mundo subterrâneo.

As duas imagens devem figurar raro par de divindades, ou hierogamia, cujo significado procuraremos, adiante, melhor abordar.

4. Os punhais

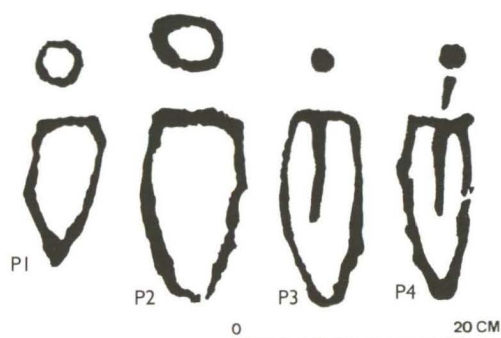


Figura 2- Representações de punhais do Penedo do Matrimónio.

Conforme descrevemos, junto aos pés de ambos antropomorfos do Penedo do Matrimónio observam-se representações de punhais desembainhados, de lâmina não muito longa mas larga, de gumes ligeiramente arqueados, encontrando-se dois exemplares providos de nervura central e todos oferecendo pomo de contorno circular. Apenas um mostra o cabo completo, com empunhadura, ligando a lâmina ao pomo (Fig.2).

	C.T.	C.C.	C.L.	D.P.	C.E.	L.L.	C.T./C.L.	C.L./C.C.	C.L./L.L.
P1	20,4	7,2	13,2	3,2	4,0	5,2	1,54	1,83	2,53
P2	25,6	8,4	17,2	4,0	4,4	7,6	1,48	2,04	2,26
P3	23,2	5,6	17,6	1,6	4,0	5,2	1,31	3,14	3,38
P4	22,8	6,8	16,8	2,0	4,8	4,4	1,35	2,47	3,81
méd.	23,0	7,0	16,2	2,7	4,3	5,6	1,41	2,37	2,99
mod.	(29,9)	(9,1)	(21,0)	(3,51)	(5,5)	(7,2)	(1,42)	(2,30)	(2,91)

Quadro I- Medidas dos punhais figurados no Penedo do Matrimónio e possíveis medidas dos seus modelos (+30%) (C.T.= comprimento total; C.C.= comprimento do cabo; C.L.= comprimento da lâmina; D. P.= diâmetro do pomo; C.E.= comprimento da empunhadura; L.L.= largura máxima da lâmina) (as medidas encontram-se expressas em centímetros).

A identificação daquelas figuras com armas não é, devido aos conhecidos convencionalismos iconográficos de que se serve a arte rupestre, totalmente pacífica. Todavia, paralelos com gravuras rupestres da Galiza (Fig.3), ou de outras zonas da Europa, permitem aceitar a classificação proposta.

A maior das representações de punhais da composição que temos vindo a referir mede 0,256 m de comprimento total e a menor apenas 0,204 m. A média dos comprimentos das quatro figurações é de

0,230 m (cf. Quadro I).

Apenas um dos punhais (P3) possui a lâmina algo mais longa que o triplo do comprimento do cabo, pelo que, seguindo o critério de R. Chenorkian (1988, p. 138, 145), poderíamos considerar tratar-se de espada curta, não fora a sua perfeita integração com as formas dos restantes exemplares que a acompanham. Outro punhal (P4), oferece comprimento total cerca de cinco vezes maior que a largura da lâmina, pelo que é aquele que mostra aspecto mais esbelto (cf. Quadro I).

Importa referir que as medidas patentes nas figurações de punhais do Penedo do Matrimónio não devem corresponder aos valores reais, ou dos seus protótipos, dado que também as figurações antropomórficas a que se associam oferecem dimensões muito inferiores às de qualquer indivíduo. Assim, alguns possíveis modelos de tais armas e as que ostentam os guerreiros galaicos, permitem considerar que aquelas seriam cerca de 30% maiores do que as dimensões com que foram figuradas, medindo entre 0,265 m e 0,332 m de comprimento total e apresentando como valor médio 0,30 m. As lâminas teriam, em média, 0,21 m de comprimento e 0,07 m de largura. Os diâmetros dos pomos atingiriam, em média, 0,035 m (cf. Quadro I).

A relação comprimento total/comprimento da lâmina apresenta o valor 1,41, ou seja, correspondendo o comprimento da lâmina a cerca de 2/3 do comprimento

total da arma, sendo o comprimento do cabo 1/3 daquele. As larguras das lâminas oferecem, em média, 1/3 do seu comprimento.

As figuras descritas são semelhantes a imagens de punhais metálicos, conhecidas na arte rupestre do Noroeste Peninsular. De facto, tanto no Monte da

Pena (Rianxo, A Coruña), como em Auga da Laxe (Gondomar, Pontevedra) ou na Pena Furada (Campo Lameiro, Pontevedra), encontram-se figurações de punhais, com lâminas de contorno subtriangular, bordos arqueados e exibindo pomo circular, que podem ser tomadas como paralelos para as representações do Penedo do Matrimónio (Costas Goberna e Novoa Álvarez, 1993, p. 169; Costas Goberna, Hidalgo Cuñarro, Novoa Álvarez e Peña Santos, 1997, p. 99) (Fig. 3).

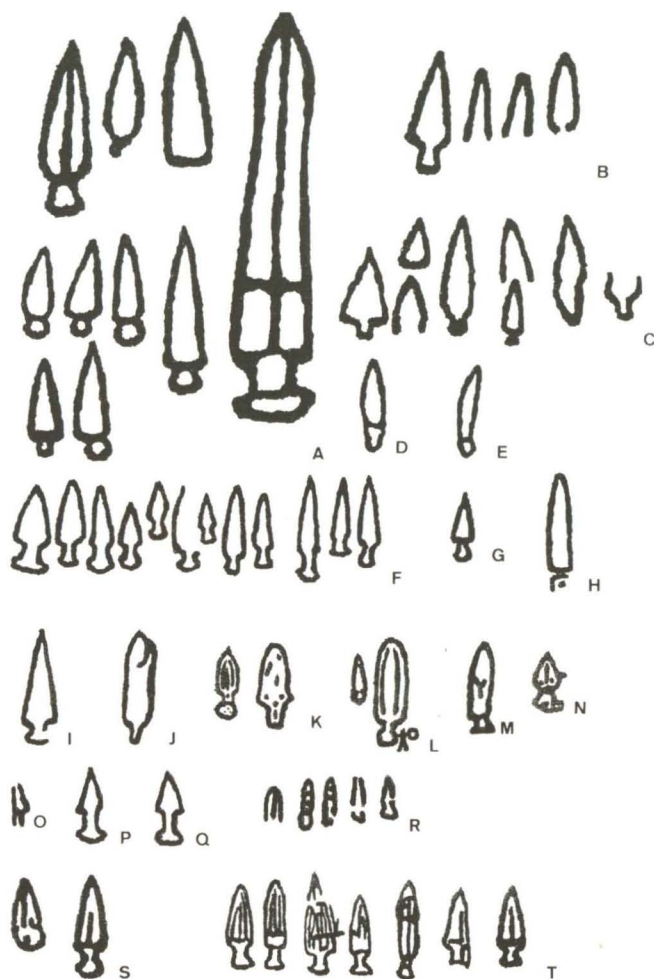


Figura 3- Representações de punhais e de espadas na arte rupestre do Noroeste Peninsular (seg. Costas Goberna, Hidalgo Cuñarro, Novoa Álvarez e Peña Santos, 1997, p. 99). A, Auga da Laxe I; B, Auga da Laxe III; C, Poza da Lagoa II; D, Poza da Lagoa III; E, Mogüelos II; F, Ramallal XII; G, Ramallal VIII; H, Ramallal I; I, Ramallal II; J, Pornado I; K, Matabois XV; L, Pedra das Ferraduras; M, Matabois XIII; N, Matabois VII; O, Pedra Furada IX; P, Pedra Furada V; Q, Pedra Furada XI; R, Pedra Furada III; S, Pedra Ancha; T, Castriño de Conxo.

Aqueles raros testemunhos, dado surgirem apenas em cerca de 2% das superfícies com petróglifos, da região assinalada, embora alguns formem verdadeiras panóplias, não têm sido objecto de estudos tipológicos e comparativos com os seus possíveis modelos, apesar das acentuadas variações morfológicas que oferecem e da sua sempre reconhecida importância para a datação da arte rupestre como, ainda, da interpretação funcional de parte daquela. Estas armas têm vindo, ao longo dos anos, a ser quase sempre genericamente atribuídas a largo período, entre o Calcolítico Final e a Idade do Bronze Médio, embora tais classificações estejam destituídas de argumentação objectiva e decorram do mero comparativismo visual (Peña Santos e Vázquez

Varela, 1979, p. 83, 84, 86, 89, 93; García Alén e Peña Santos, 1980, p. 140, 141; Costas Goberna e Novoa Álvarez, 1993, p. 159; Costas Goberna, Hidalgo Cuñarro, Novoa Álvarez e Peña Santos, 1997, p. 99).

Constitui excepção ao panorama indicado, trabalho pioneiro de E. Anati (1968) e, posteriormente, o reconhecimento de dois grandes grupos de figuras de punhais e de espadas curtas devido a Vázquez Rozas (1997, p. 107, 108). Para este autor um dos grupos é formado por armas providas de lâminas largas de bordos paralelos, ou de contorno triangular alongado, pequeno cabo com empunhadura e pomo bem figurados, ou lingueta, algumas das quais mostrando nervuras centrais ou biselados paralelos aos bordos. O segundo grupo oferece folhas lisas, de gumes arqueados e cujas empunhaduras foram representadas por pequenos círculos, conforme acontece em dois dos exemplares do Penedo do Matrimónio.

Recordemos que nos dois outros exemplares dos petróglifos portugueses se observa, no topo de cada um dos cabos, covinha em substituição do círculo, aspecto que não nos parece importante em termos do significado iconográfico.

Os punhais, com lâminas largas, reforçadas por nervura central, das figuras do Penedo do Matrimónio, exibindo pomo circular, afastam-se das tipologias

de tais armas produzidas durante o Calcolítico e a Idade do Bronze, pelo que devemos procurar outros paralelos com cronologia segura, nomeadamente sidéricos.

Oito representações esculpidas, de granito, procedentes de povoados fortificados do Noroeste Peninsular, datadas dos finais da Idade do Ferro e figurando chefes-guerreiros, antepassados heroicizados, entidades tutelares ou divindades, exibem punhais, sujeitos por cinturão, sempre colocados no lado direito daquelas personagens que, em geral, os seguram com a mão daquele mesmo lado. Na única escultura onde tal não acontece o guerreiro suporta, na mão direita, espada desembainhada (Silva, 1986, ests CXX-CXXIII).

As imagens de punhais referidas encontram-se, conforme mencionámos, embainhadas, mostrando cabos que terminam em pomos esféricos, exceptuando uma delas devido a fractura do suporte. Contudo, ofere-

das conta com as limitações de as mesmas se encontrarem embainhadas, não permitindo executar medições precisas das lâminas, terem sete delas a empunhadura oculta pela mão do guerreiro e, por fim, traduzirem alguns convencionalismos, onde avulta o facto de terem sido reproduzidas cerca de 25% maiores que os seus protótipos.

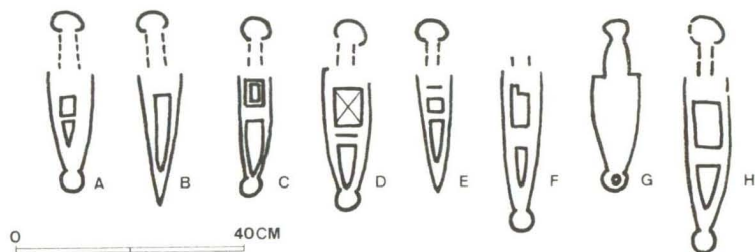


Figura 4- Representações de punhais em guerreiros galaicos (A, Lezenho 1; B, Lezenho 2; C, São Julião; D, Campos; E, Meixedo; F- Refojos de Basto; G, Santa Comba de Basto; H- Santo Ovídio de Fafe) (seg. A. C. F. da Silva, 1986, ests CXX-CXXXIII).

cem formas e dimensões algo diferentes, devendo possuir protótipos semelhantes a armas do mesmo tipo, proporcionadas por contextos sidéricos meseténicos, conforme foi já sugerido (Almeida, 1975, p. 495) (Fig. 4).

A avaliação das dimensões das diferentes partes que constituem as armas patentes nas esculturas referi-

do como normal para indivíduos do sexo masculino à época em que se executaram as estátuas. Tendo em vista dispormos das medidas originais dos punhais figurados na estatuária sidérica do Noroeste Peninsular, teremos de descontar 25% às dimensões registadas nas imagens daquela e que nos servem de referência (cf. Quadro II).

	C.T.	C.C.	C.L.	D.P.	C.E.	L.L.	C.T./C.L.	C.L./C.C.	C.L./L.L.
Lezenho 1	34,0 (27,2)	13,0 (10,4)	21,0 (16,8)	7,0 (5,6)	9,0 (7,2)	9,0 (7,2)	1,61	1,61	2,33
Lezenho 2	38,0 (30,4)	15,0 (12,0)	23,0 (18,4)	6,0 (4,8)	10,0 (8,0)	9,0 (7,2)	1,65	1,53	2,55
São Julião	34,0 (27,2)	13,0 (10,4)	21,0 (16,8)	6,0 (4,8)	8,0 (6,4)	6,0 (4,8)	1,61	1,61	3,50
Campos	37,0 (29,6)	10,0 (8,0)	27,0 (21,6)	6,0 (4,8)	6,0 (4,8)	10,0 (8,0)	1,37	2,70	2,70
Meixedo	36,0 (28,8)	11,0 (8,8)	25,0 (20,0)	6,0 (4,8)	8,0 (6,4)	6,0 (4,8)	1,44	2,27	4,16
Refojos de Basto	-	-	30,0 (24,0)	-	-	8,0 (6,4)	-	-	3,75
Santa Comba de Basto	32,0 (25,6)	13,0 (10,4)	19,0 (15,2)	5,0 (4,0)	8,0 (6,4)	9,0 (7,2)	1,68	1,46	2,11
Santo Ovídio de Fafe	44,0 (35,2)	13,0 (10,4)	31,0 (24,8)	7,0 (5,6)	7,0 (5,6)	9,0 (7,2)	1,41	2,38	3,44
médias modelos	36,4 (29,1)	12,5 (10,0)	24,6 (19,7)	6,14 (4,9)	8,0 (6,4)	8,2 (6,6)	1,53	1,93	3,06

Quadro II- Medidas dos punhais figurados nos guerreiros galaicos e medidas dos seus modelos (-25%) (C.T.= comprimento total; C.C.= comprimento do cabo; C.L.= comprimento da lâmina; D.P.= diâmetro do pomo; C.E.= comprimento da empunhadura; L.L.= largura máxima da lâmina) (as medidas encontram-se expressas em centímetros).

Uma vez corrigidas as medidas obtidas para os punhais da estatuária sidérica mencionada, observa-se que os comprimentos totais daquelas armas variariam entre 0,256 m (Santa Comba de Basto) e 0,352 m (Santo Ovídio de Fafe), oferecendo o valor médio de 0,291 m. As lâminas das mesmas armas teriam comprimentos de 0,152 m a 0,248 m, sendo a média de 0,197 m, enquanto a média das larguras máximas é de 0,066 m.

A relação entre o comprimento médio dos punhais e o comprimento médio das lâminas oferece 1,53, ou seja aquelas correspondem a 2/3 do comprimento total das armas e os cabos das mesmas a 1/3.

Os modelos daqueles punhais devem corresponder a exemplares produzidos em ferro, providos de punho biglobular, como os procedentes das necrópoles de Ciruelos (Guadalajara), Quintanas de Gormaz, Termancia, Osma e da cidade de Numancia, na província espanhola de Soria ou, ainda, em ocorrências do

cemitério de Las Cogotas (Ávila) e, portanto, da II Idade do Ferro da Meseta, com cronologia centrada nos séculos III-II a. C., mas também alcançando o século I a. C. Algumas das armas do mesmo tipo são, também, conhecidas em Palencia (Burgos) e, portanto, geográfica e culturalmente mais próximas de Trás-os-Montes (Schüle, 1969, ests 24, 33, 36-38, 43, 46, 55-59, 115, 117, 118, 165, 166) (Fig. 5).

A média dos comprimentos das armas em apreço ronda os 0,30 m, correspondendo as lâminas, em geral, a 2/3 daquele valor. Os diâmetros dos pomos variam entre 0,026 m e 0,040 m, embora a sua média seja de 0,031 m. As empunhaduras são curtas e atingem cerca de 0,07 m. As lâminas são estreitas, variando as suas larguras entre 0,038 m e 0,060 m (média 0,042 m), correspondendo, em média, a 1/4 do comprimento total (cf. Quadro III).

Finalmente devemos comparar as medidas obti-

	CT	CC	CL	DP	CE	LL	CT/CL	CL/CC	CL/LL
<u>Ciruelos, Guadalajara</u>	33	12	21	3,5	7	4	1,57	1,75	5,25
<u>Quintanas de Gormaz</u>	28	11	17	2,6	6,6	4,6	1,64	1,54	3,69
<u>Quintanas de Gormaz</u>	30	10	20	3	7	4	1,50	2,00	5,00
<u>Quintanas de Gormaz</u>	28	11	17	2,6	6,5	4	1,64	1,54	4,25
<u>Quintanas de Gormaz</u>	30	11	19	3,2	6,6	4,8	1,57	1,72	3,95
<u>Quintanas de Gormaz</u>	30	10	20	4	6,6	4	1,50	2,00	5,00
<u>Termancia, Soria</u>	32,5	11	21,5	3,2	7	4	1,51	1,95	5,37
<u>Osma (sep. 4), Soria</u>	32,8	12,6	20,2	3,2	8	4	1,62	1,60	5,05
<u>Osma (sep. 7), Soria</u>	27,2	11,6	15,6	2,6	7	4	1,74	1,34	3,90
<u>Osma (sep. 8), Soria</u>	28,4	10	18,4	2,8	6,4	4	1,54	1,84	4,60
<u>Osma (sep. 9), Soria</u>	26,4	11,2	15,2	2,8	9	4	1,73	1,35	3,80
<u>Osma (sep. 11), Soria</u>	30	10,4	19,6	3,2	6	4,4	1,53	1,88	4,45
<u>Osma (sep. 12), Soria</u>	27	11,2	15,8	4	7,6	3,8	1,70	1,41	4,15
<u>Numancia, Soria</u>	29,5	12,5	17	2,6	9	4	1,73	1,36	4,25
<u>Las Cogotas (sep. 605)</u>	27	10	17	3,6*	7	6	1,58	1,70	2,83
<u>Las Cogotas (sep. 1354)</u>	25	9	16	3,2*	7	4,5	1,56	1,77	3,55
<u>Las Cogotas (sep. 383)</u>	25	9	16	2,6	5,6	4	1,56	1,77	4,00
<u>Palencia, Burgos</u>	33	11	22	4	7	6	1,50	2,00	3,66
<u>Mechas</u>	29,04	10,80	18,24	3,15	7,05	4,33	1,59	1,69	4,21

Quadro III- Medida de punhais mesetenhos da II Idade do Ferro (* tem pomo circular) (seg. W. Schüle, 1969, ests 24, 33, 36-38, 43, 46, 55-59, 115, 117, 118, 165, 166).

das, uma vez corrigidos os aspectos convencionais, nas representações do Penedo do Matrimónio, com as dos punhais figurados nos guerreiros galaicos, também corrigidas, tal como com as registadas nos punhais procedentes de contextos sidéricos mesetenhos (cf. Quadro IV).



Figura 5- Punhais de contextos sidéricos mesetenhos (A, Ciruelos; B-F, Quintanas de Gormaz; G, Termancia; H-M, Osma; N- Numancia; O-Q, Las Cogotas; R, Palencia) (seg. W. Schüle, ests 24, 33, 36-38, 43, 46, 55-59, 115, 117, 118, 165, 166).

Verifica-se que as médias dos comprimentos dos punhais são muito semelhantes (0,299 m, 0,291 m e 0,290 m), havendo também poucas diferenças nas médias dos valores obtidos para os comprimentos dos cabos (0,091 m, 0,100 m e 0,108 m), das lâminas (0,210 m, 0,197 m e 0,182) ou dos diâmetros dos pomos (0,035 m, 0,049 m e 0,031 m).

Igualmente as médias das larguras das lâminas entre os exemplares do Penedo do Matrimónio e dos guerreiros galaicos são semelhantes, enquanto a dos punhais mesetenhos é menor (0,072 m, 0,066 m e 0,043 m). Todavia, punhais de Las Cogotas (sep. 605) e de Palencia, possuem lâminas medindo 0,06 m de largura, aproximando-se da largura média obtida para os punhais figurados no Penedo do Matrimónio. Não

obstante, notam-se, no comprimento das empunhaduras, algumas diferenças (0,055 m, 0,064 m e 0,070 m). Estas podem dever-se, uma vez mais, aos convencionalismos artísticos, designadamente ao facto de se terem representado nas gravuras rupestres os pomos totalmente circulares e nos guerreiros estes não mostrarem a zona de ligação à empunhadura.

Finalmente os índices obtidos, C.T./C.L., C.L./C.C. e C.L./L.L., para os três tipos de informação, são análogos, podendo concluir-se que as representações de punhais do Penedo do Matrimónio, apesar da conceptualização de toda a arte rupestre, tiveram protótipos, formal e dimensionalmente idênticos aos punhais que se figuraram nos guerreiros galaicos, correspondendo ambos conjuntos de imagens a punhais de ferro, afins dos conhecidos em necrópoles mesetenhos da II Idade do Ferro (séculos III-II a. C.), com cabo de tipo biglobular e, portanto, possuindo cronologia semelhante.

5. Um universo semântico ?

Julgamos pertinente procurar paralelos iconográficos e contextos culturais, na arte rupestre do Ocidente Peninsular, para o repertório oferecido pelas gravuras que temos vindo a estudar.

Os autores, devidamente citados, que publicaram aqueles testemunhos não os consideraram como constituindo uma cena, ou seja a reprodução de uma acção, devido, quanto àqueles, à ausência de limites ou de enquadramento espacial das figurações. Assim foi esquecido que o cenário deve ser constituído pelo próprio sítio onde as gravuras foram executadas, conforme quase sempre acontece em contextos sócio-religiosos pré e proto-históricos e, nomeadamente, em santuários ao ar livre.

A eleição daquele local ficou, certamente, a dever-se a programa preciso e a cena registada, através de gravação, deve incluir-se no grupo das mitografias ou mito-histórias, servida por cenário próprio, carácter narrativo e dois protagonistas, com os seus atributos específicos, físicos, culturais e comportamentais.

	C.T.	C.C.	C.L.	D.P.	C.E.	L.L.	C.T./C.L.	C.L./C.C.	C.L./L.L.
Penedo do Matrimónio	29,9	9,1	21,0	3,5	5,5	7,2	1,42	2,30	2,91
Guerreiros galaicos	29,1	10,0	19,7	4,9	6,4	6,6	1,53	1,93	3,06
Punhais mesetenhos	29,0	10,8	18,2	3,1	7,0	4,3	1,59	1,69	4,21

Quadro IV- Comparação das médias das medições e dos índices obtidos nos punhais representados nas quatro figurações do Penedo do Matrimónio e em oito guerreiros galaicos, com valores corrigidos devido aos diferentes convencionalismos, tal como com dezoito punhais de ferro, procedentes de contextos arqueológicos mesetenhos da II Idade do Ferro (C.T.= comprimento total; C.C.= comprimento do cabo; C.L.= comprimento da lâmina; D.P.= diâmetro do pomo; C.E.= comprimento da empunhadura; L.L.= largura máxima da lâmina) (as medidas encontram-se expressas em centímetros).

O único paralelo até agora apresentado para as imagens do Penedo do Matrimónio, a figura antropomórfica, gravada, de Siribela IX (Tourón, Pontecaldelas, Pontevedra), com cabeça circular, grandes mãos e fálca, oferece concepção e constituição, muito esquemática, afastando-se estilisticamente daquelas.

É, segundo cremos, na Laxe dos Homes, de Santa María de Cequeril (Cuntis, Pontevedra), que descobrimos maiores semelhanças com as imagens do Penedo do Matrimónio (García Alén e Peña Santos, 1980, p. 61, fig. 65) (Fig. 6).

Tais gravuras, medindo 0,80 m de altura e a que E. Anati (1968, p. 59) chamou “casal divino”, mostram a associação entre dois antropomorfos, de sexo diferente, possuindo corpos igualmente de forma geometrizar e alongada, um deles exibindo os braços semi-erguidos, providos de grandes mãos e onde também se observam os dedos bem individualizados. Na outra figura os braços foram apenas esboçados, terminando em mãos do mesmo tipo. Ambos apresentam pés, que oferecem disposição e forma semelhantes aos pés das figuras do Penedo do Matrimónio. As cabeças são também circulares, uma parece ostentar capacete de cornos e até junto ao seu pé direito encontra-se círculo, idêntico aos pomos dos punhais observados nas gravuras portuguesas.

A cerca de 15 m daquelas figuras reconheceram-se duas outras, antropomórficas e com dimensões aproximadas, com corpos subcirculares providos de raios interiores perpendiculares e também exibindo cornos ou capacete de cornos (Bessone, Ricchiardi e Seglie, 1972) (Fig.7).

Naquela mesma região, antropomorfo, do grupo III da Praia das Cunchas (Rianxo, A Coruña), medindo 0,76 m de altura e, portanto, podendo ser considerado como possuindo grandes dimensões, com os braços

erguidos e dominando composição de cervídeos, bem mais erodida, oferece afinidades estilísticas e atitude próxima à das figuras transmontanas (Fig. 8 A). Atente-se, no que concerne ao paralelismo e verticalidade dos contornos do corpo, que também iremos encontrar na imagem gravada do guerreiro de Penha-Fidelis (Penafiel) e em outras representações antropomórficas atribuíveis à Idade do Ferro (Costas Goberna, Hidalgo Cuñarro e Peña Santos, 1999, p. 182; Costas Goberna, Novoa Álvarez, 1993, p. 138).

A imagem antes mencionada encontra-se no Penedo do Gato, situado no alto do monte conhecido como Castelo ou Castelo de Penha-Fidelis (Oldrões, Penafiel), aproveita superfície subvertical e mostra cabeça circular, corpo rectangular, pernas curtas e pés voltados para fora, medindo 0,45 m de altura. Os braços semi-erguidos sustentam pequeno escudo redondo (*caetra*) e o que foi interpretado como um machado, mas que também pode corresponder a funda. Um traço oblíquo, na zona da cintura, parece representar espada. Na face observam-se os esboços

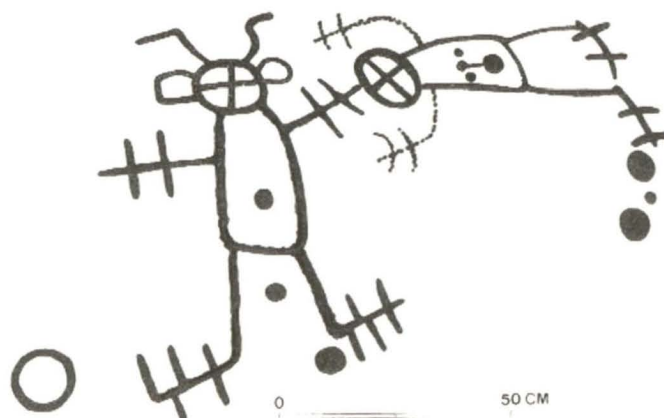


Figura 6- Laxe dos Homes (Santa María de Cequeril, Cuntis) (seg. E. Anati, 1968, p. 58, fig. 42).

correspondentes aos olhos, nariz e boca (Brandão e Sousa, 1966; Pinto e Brandão, 1966) (Fig. 8 D).

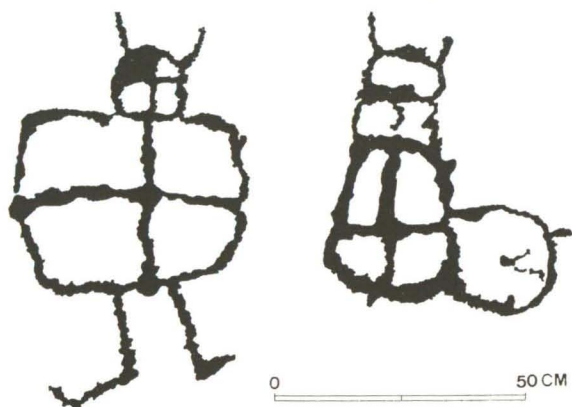


Figura 7- Laxe dos Homes (Santa María de Cequeril, Cuntis) (seg. Bessone, Ricchiardi e Seglie, 1972, p. 259).

Conhecem-se outras figurações de personagens armadas semelhantes à acima descrita, uma no povoado de Abragão, no mesmo concelho de Penafiel, e a da Laxe do Outeiro do rio Loureiro (San Cibrão de Aldán, Cangas de Morrazo), na Galiza, esta última armada com espada, escudo e talvez capacete de cornos (García Alén e Peña Santos, 1980, p. 34, fig. 28) (Fig. 8 C).

Aquelas representações podem ser datadas entre

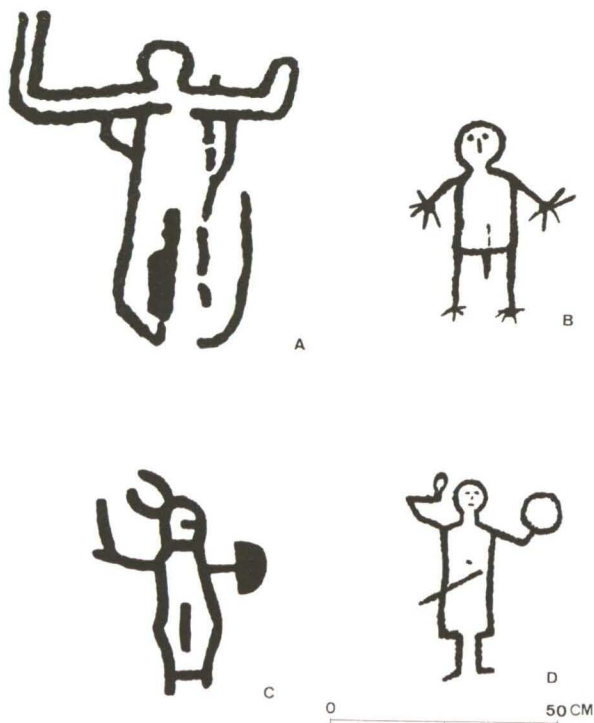


Figura 8- Gravuras rupestres antropomórficas. A, Praia das Cunchas; B, Laje Erguida do Magoito; C, Laxe do Outeiro; D, Penha-Fidelis (A, seg. Costas Goberna, Hidalgo Cuñarro e Peña Santos, 1999, p. 182; B, seg. M. V. Gomes; C, seg. García Alén e Peña Santos, 1980, p. 34, fig. 28; D, seg. Pinto e Brandão, 1966, p. 265).

a Idade do Bronze Final e os finais da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular.

Bem mais para sul, a cerca de uma dezena de quilómetros a norte do Cabo da Roca, e perto das falésias litorais, no local conhecido por Laje Erguida (Magoito, Sintra), foi, há alguns anos atrás, identificado conjunto de gravuras, hoje desaparecido, que aproveitava, como suporte, superfícies oblíquas de arenito e onde entre temática diversa (círculos radiados interiormente, covinhas, canaletos, cruciformes, escalariformes, etc...) se reconhecia personagem antropomórfico nu e fálico, com os braços semierguidos e mãos bem abertas (Sousa, 1990) (Fig. 8 B).

Aquele media 0,44 m de altura, na face reconheciam-se os dois olhos e o nariz, e sugeria encontrar-se ligado a círculo radiado, conferindo-lhe conotação solar. As suas características morfológicas, a iconografia associada e a técnica de gravação utilizada, permitem atribuir estas gravuras à Idade do Ferro.

Representação antropomórfica da rocha I de Fratel, no Vale do Tejo, apresenta face, apenas com olhos e nariz, os braços semierguidos, possuindo as mãos voltadas para cima e espada à cintura. Ela é muito semelhante às figurações de guerreiros heroizados gravadas, com grandes mãos abertas, das estelas da Idade do Bronze Final, da Figueira (Vila do Bispo) e de Monte Blanco (Badajoz), nesta ostentando, igualmente, espada à cintura (Gomes, 1990, p. 68, 69, fig. 7; 2001, p. 78, 80, 81, fig. 13) (Fig. 9).

As figurações descritas centram programas iconográficos que correspondem a discursos sócio-religiosos, onde personagens, em geral com grandes dimensões, se associam a armas e à simbologia solar. Este reportório emergiu, no Ocidente Peninsular, a partir do Calcolítico, renovando-se durante a Idade do Bronze Final, nomeadamente com as estelas funerárias mais tardias daquele período, conotadas com o importante papel político-militar e religioso desempenhado por alguns líderes heroizados, no contexto da complexificação económica e social então ocorrida, que daria origem às sociedades proto-estatais (Gomes, 1990, p.82).

Durante a Idade do Ferro, à tradição autóctone fundiram-se novos contributos de origem céltica, o que haveria de, em novo quadro económico, social e cultural, potenciar a importância simbólica e funcional das armas, continuando a serem incluídas nas práticas sócio-religiosas e conduzindo a que fossem abundantemente representadas, conforme o Penedo do Matrimónio constitui muito significativo testemunho.

6. Conclusões

A iconografia patente no Penedo do Matrimónio permite, perante os argumentos anteriormente apresentados, considerar que representa hierogamia, ou seja casal de divindades, de idade proto-histórica, mais precisamente dos finais da Idade do Ferro.

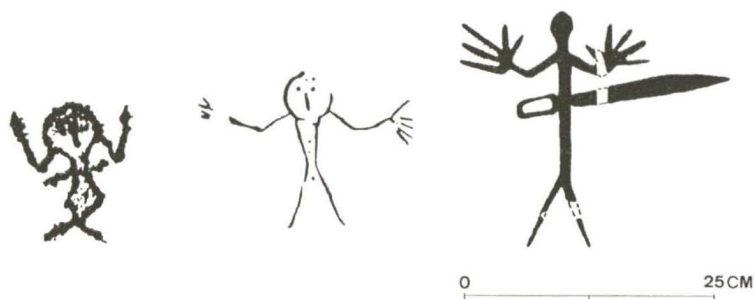


Figura 9- Representações antropomórficas gravadas. A, Fratel (rocha I); B, estela da Figueira (Vila do Bispo); C, estela do Monte Blanco (Badajoz) (seg. M. V. Gomes, 2001, p. 81, fig. 13).

Tal classificação cronológica assenta não só nos paralelos para as armas figuradas, como nos atributos iconográficos e técnicos, reconhecidos nas figuras antropomórficas a que se associam.

No Noroeste Peninsular existem abundantes evidências arqueológicas e epigráficas de divindades a quem foi prestado culto em tempos pré-romanos, como Reve (*Deo Reve Larauco*, em inscrição de Baltar), deus supremo equiparável a Júpiter (*Iovi Optimo Maximo*), Lugus, ligado à fecundidade, à fertilidade em geral, à produção e prosperidade ou à saúde, oferecendo grande dispersão de evidências a norte do rio Douro, e Nabia, deusa-mãe protectora, conotada com a fertilidade, mas também com as montanhas, os bosques, as águas dos rios ou dos mananciais, que apresentam movimento espontâneo e reflectem a luz solar (Silva, 1986, p. 287, 297; Olivares Pedreño, 2002, p. 77, 85-97, 233).

Os casais de deuses indígenas, figurados tanto no Penedo do Matrimónio, como na Laxe dos Homes podem, segundo cremos, corresponder ao par, ou hierogamia, Lugus e Nabia.

A primeira daquelas divindades, cujo nome significa “o que brilha” ou “o luminoso” (de *leuk*), identifica-se com *Lugh Lamfhada*, do ciclo mitológico irlandês, sendo caracterizado por possuir grandes mãos e expor o sexo, atributos dos deuses solares ou da luz, tal como dos heróis e dos guerreiros heroicizados com eles conotados. Nas regiões de influência celta comemorava-se, no início de Agosto, com grande festa de carác-

ter agrário, as bodas de Lugh (*Lughnasadh*), denunciando a existência de hierogamia mas, também, referindo a sua morte e ressurreição. Talvez o maior santuário peninsular consagrado a esta divindade seja o de Peñalba de Villastar (Teruel), junto ao rio Turia e activo entre o século I a. C. e a centúria seguinte (Marco Simón, 1986, p. 738; Gomes, 1990; Green, 1992, p. 135; Olivares Pedreño, 2002, p. 213; Moneo, 2003, p. 251-253, 311).

São bem conhecidos os atributos solares e o carácter guerreiro de Lugus no Noroeste Peninsular, na Gália e nas Ilhas Britânicas, podendo, naquele quadro, surgir com cornos, ou capacete de cornos, e armado com lança, espada ou funda. Esta última arma pode estar figurada no Penedo do Matrimónio,

conforme sugerimos, tal como no petróglifo de Penha-Fidelis.

Também uma das personagens da Laxe dos Homes mostra capacete com cornos e próximo dela observam-se duas outras, cujos corpos são escuti-formes solares e as cabeças ostentam cornos, devendo integrar o ciclo iconográfico de Lugus e os sincretismos que ele deve reflectir.

A enorme difusão do culto prestado à deusa Nabia no Noroeste Peninsular, e a sua conotação com as montanhas, os bosques e os rios, tal como os seus altares em zonas altas e isoladas, podendo também encontrar-se vinculada com a guerra, deixa aceitar a sua identificação como par das imagens masculinas nos dois santuários rupestres citados (Moneo, 2003, p. 305).

A presença das grandes mãos, nas figurações referidas, deve ligar-se principalmente à dimensão cósmica e ao poder espiritual, enquanto a exibição do sexo integrará a área do poder terreno e a sua vertente ctoniana.

O capacete, que mostra a divindade masculina do Penedo do Matrimónio, traduz importante simbologia ligada ao poder, dada a capacidade de proteger ou de provocar a invulnerabilidade, enquanto os punhais correspondem a símbolos guerreiros, de autoridade e da esfera político-militar, mas também estiveram conotados, tal como outras armas brancas, com o raio da tempestade ou seja, com o fogo e a água. Quando existem relâmpagos surge a chuva fertilizadora, acreditando muitas sociedades pré-históricas e etnográficas actuais

de que os punhais, espadas e lanças, quando cravados no solo, ajudam a estimular as forças fecundadoras da Natureza, provocando o renascimento da vida, a fertilidade e o bem-estar.

Os quatro punhais figurados no Penedo do Matrimónio, atributos das divindades e símbolos de estatuto, são instrumentos de guerra, com alto valor ritual e simbólico, que se associam aos pés nus daquelas, protegendo-as e conferindo-lhes dimensão ctoniana, embora unindo-as à vertente celeste, que tais armas também carregam.

A presença de pares de armas, utilizadas como instrumentos rituais ou em depósitos votivos, é conhecida na Península Ibérica desde, pelo menos, a Idade do Bronze Final, conforme exemplificam os pares de espadas de bronze encontrados nos arredores de Évora e de Sáfara (Moura), o gravado na rocha 53 do Cachão do Algarve, no Vale do Tejo, ou o par de machados descoberto no sítio das Fontes (Lagoa), no rio Arade (Silva e Gomes, 1992, p. 120; Gomes, 2001, p. 80).

Na vizinha Espanha foram descobertos pares de espadas, da Idade do Bronze Final, em Santa Maria de Oleiros, Salvaterra (Pontevedra), Sigüenza (Guadalajara), Catoira (Pontevedra), rio Ulla (Catoira) e no rio Genil (Herrera, Sevilha), constituindo deposições fluviais (Meijide Cameselle, 1988, p. 86, 87; Gabaldón Martínez, 2004, p. 22).

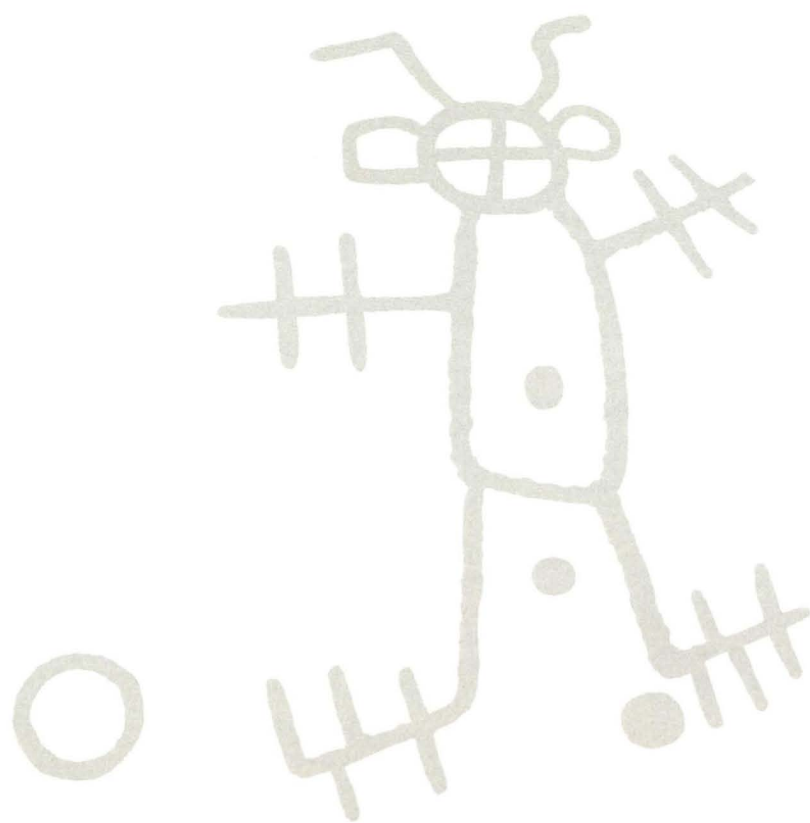
Aqueles locais de culto não ofereciam, normalmente, edificações, eram *loci consecrati* ou lugares sagrados *in natura*, ao ar livre, não raro situados em pontos remotos das montanhas, pouco antropizados, onde melhor se observavam as forças da Natureza, os fenómenos atmosféricos ou os astros, e onde os homens acreditavam poder aproximarem-se das divindades.

O Penedo do Matrimónio constituiu, por certo, centro de lugar de culto ou ritual, cujos principais testemunhos são a hierogamia gravada em afloramento rochoso, desconhecendo-se quais os rituais ou as práticas sócio-religiosas ali desenvolvidos (consagrações, cultos, oferendas, sacrifícios, libações, oráculos, iniciações ?), mas cuja iconografia indica ter integrado armas.

O registo religioso deve reflectir aspectos estruturados da sociedade que o produziu, sublinhando, no caso vertente, a presença de aristocracia guerreira, onde o ritual e os seus códigos ajudavam a manter o poder, os estatutos e a coesão social.

Bibliografia

- ALMEIDA, C. A. F. de (1975)- Influências meridionais na Cultura Castreja. In *XIII Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 491-498, II ests, Zaragoza: Universidad de Zaragoza.
- ANATI, E. (1968)- *Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Penisola Iberica*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- ARENS, W. E. (1979)- *The Man-Eating Myth: Anthropology and Anthropophagy*. New York: Oxford University Press.
- BESSONE, G.; RICCHIARDI, P.; SEGLIE, D. (1972)- Figure antropomorfe scoperte a Cequeril-Galizia (Spagna). *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*. Capo di Ponte. 8, p. 254, 255.
- BETTENCOURT, A. M. S.; SANCHES, M. de J.; DINIS, A.; CRUZ, C. S. (2004)- The rock engravings of Penedo do Matrimónio, in Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Northern Portugal), *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 6, pp. 61-82.
- BRANDÃO, D. de P.; SOUSA, E. F. de (1966)- A <<Penha-Fidelis>>, o seu petróglifo e os seus problemas. *Lucerna*. Porto. 5, pp. 434-441.
- CHENORKIAN, R. (1988)- *Les Armes Métalliques dans l'Art Protohistorique de l'Occident Méditerranéen*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- COLMENERO, R. (1991)- As insculturas de Capariños (Vilar de Perdizes, Portugal), *Larouco*, 1, pp. 147-149.
- COSTAS GOBERNA, F. J.; NOVOA ÁLVAREZ, P. (1993)- *Los Grabados Rupestres de Galicia*. La Coruña: Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña.
- COSTAS GOBERNA, F. J.; HIDALGO CUÑARRO, J. M.; NOVOA ÁLVAREZ, P.; PEÑA SANTOS, A. de la (1997)- Las representaciones de armas en el grupo galaico de arte rupestre, In *Los Motivos de Fauna y Armas en los Grabados Prehistóricos del Continente Europeo*. pp. 85-112, Vigo: Asociación Arqueológica Viguesa.
- COSTAS GOBERNA, F. J.; HIDALGO CUÑARRO, J. M.; PEÑA SANTOS, A. de la (1999)- *Arte Rupestre no Sur da Ría de Vigo*. Vigo: Instituto de Estudios Vigueses.
- FONTES, A. L. (1990)- Vilar de Perdizes vai ser ponto no mapa, *Notícias de Barroso*. 95 (Set.), p. 1.
- FONTES, A. L. (1991a)- Em Barroso até as pedras falam, *Notícias de Barroso*. 105 (Ag.) p. 3.
- FONTES, A. L. (1991b)- Roteiro monumental, *Notícias de Barroso*. 106 (Set.), p. 4.
- FONTES, A. L. (1992)- *Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos do Concelho de Montalegre*. Porto: Comissão de Coordenação da Região Norte.
- GABALDÓN MARTÍNEZ, M. del M. (2004)- *Ritos de Armas en la Edad del Hierro. Armamento y Lugares de Culto en el Antiguo Mediterráneo y el Mundo Celta*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GARCIA ALÉN, A.; PEÑA SANTOS, A. de la (1980)- *Grabados Rupestres de la Provincia de Pontevedra*. Pontevedra: Museo de Pontevedra.
- GOMES, M. V. (1990)- O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, pp. 53-106.
- GOMES, M. V. (2001)- Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologias e interpretações). In *Semiótica del Arte Prehistórico*. pp. 53-88, Valência: Diputación Provincial de Valencia.
- GREEN, M. J. (1992)- *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. Londres: Thames and Hudson.
- MARCO SIMÓN, F. (1986)- El dios celtico Lug y el santuario de Peñalba de Villastar. In *Estudios en Homenaje al Dr. Antonio Beltrán Martínez*. pp. 731-759. Zaragoza: Facultad de Filosofía y Letras.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1988)- *Las Espadas del Bronce Final en la Peninsula Iberica. Arqueohistorica I*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- MONEO, T. (2003)- *Religio Iberica. Santuarios, Ritos y Divinidades (siglos VII-I A.C.)*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- OLIVARES PEDREÑO, J. C. (2002)- *Los Dioses de la Hispania Céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- PEÑA SANTOS, A. de la; VÁZQUEZ VARELA, J. M., (1979)- *Los Petróglifos Gallegos. Grabados Rupestres Prehistóricos al Aire Libre en Galicia*. La Coruña: Edicions do Castro.
- PINTO, S. da S.; BRANDÃO, D. de P. (1966)- Nova iconografia do petróglifo do monte de Penhafidelis e suas implicações interpretativas. In *In Memoriam do Abade Henri Breuil*. vol. II. pp. 261-267. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SAHLINS, M., (1983)- Raw women, cooked men, and other "great things" of the Fiji Islands. In *The Ethnography of Cannibalism*, pp. 72-93. Washington: Society for Psychological Anthropology.
- SCHÜLE, W. (1969)- *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, A. C. F. da (1986)- *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A. C. F. da; GOMES, M. V. (1992)- *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SOUSA, É. M. de (1990)- Núcleo de gravuras proto-históricas descoberto a N. do Cabo da Roca; Breve notícia. *Zephyrus*. Salamanca. 43, pp. 363-369.
- VÁZQUEZ ROZAS, R. (1997)- *Petroglifos de las Rías Baixas Gallegas. Análise Artístico de un Arte Prehistórico*. Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra.





Associação dos Arqueólogos Portugueses

